



CADERNO NOVA CARTOGRAFIA

Devastação e desmatamento em comunidades quilombolas no Maranhão

JUNHO
2014

PROJETO

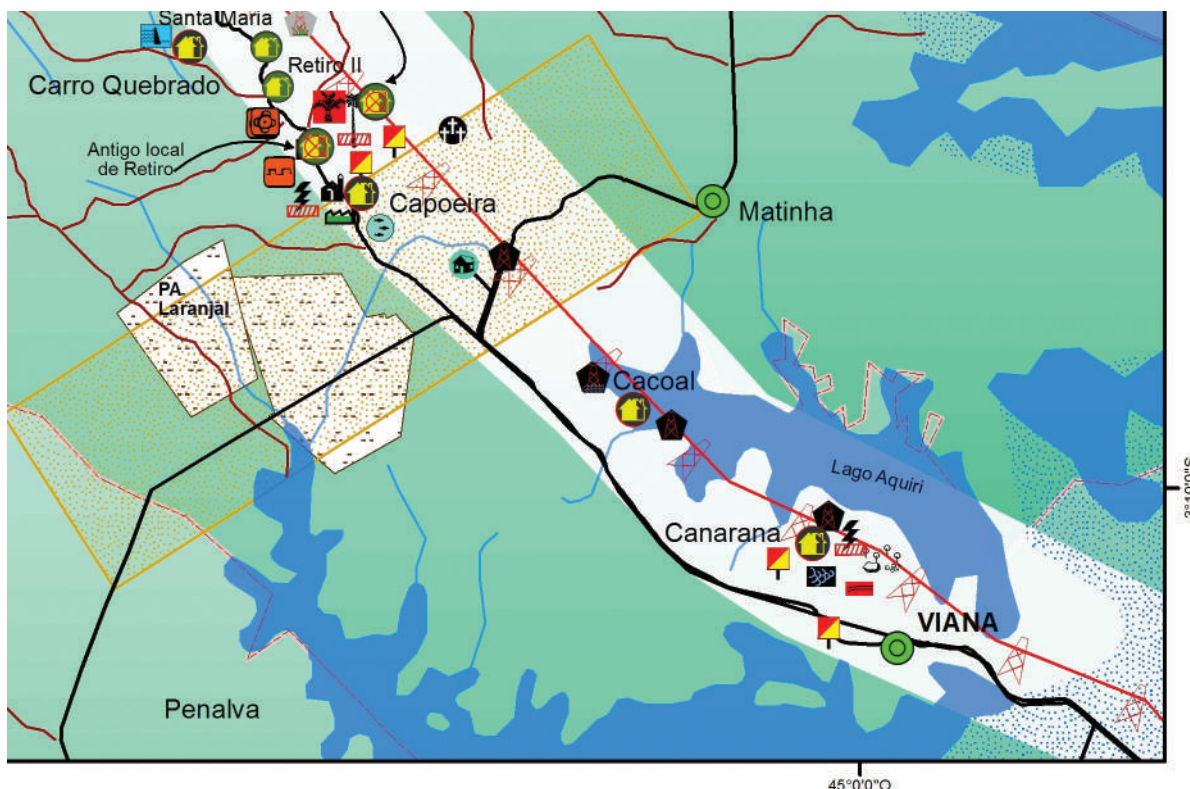
**Mapeamento
Social**

como Instrumento
de Gestão Territorial
contra o Desmatamento
e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS
E COMUNIDADES TRADICIONAIS



2



Desmatamento e devastação em territórios quilombolas: a linha de transmissão em Viana, MA

Empresa retira matéria prima do território quilombola para construir caminho de acesso

A estrada, eles disseram que iam contratar tanto a terra, quanto a piçarra, porque nós combinamos assim: que não ia ser tirada a terra de dentro da propriedade porque ia bagunçar, né? Aí eles disseram que não, que tinha que ser de dentro da propriedade, porque era muito longe para buscar, aí nós concordamos que era para tirar só a terra. Mas a piçarra eles teriam que comprar em outro local. Aí, quando eles foram botar a piçarra, não foi uma piçarra boa. Aí, foi que eles conversaram com meu tio, realmente onde entra uma região histórica lá, quando determinou que era para vender [a piçarra], concordou que vendia, aí tiraram, afastaram as palmeiras (...). Só ficou uma parte, aí foi que eles tiraram lá a terra e até hoje eles ainda não pagaram a piçarra para ele, e ele disse olha é para fazer o serviço bem feito. Mas eles já tinham largado pela metade, não conseguiram botar nem o cano (...) Ainda tem o que ele entupiu o rio, eu até disse para ele desentupir o rio, eu tô ligando para ele, eles não tão nem atendendo, então nós só vamos fazer com ele, quando ele vir e desentupir o rio” RAIMUNDO BENEDITO, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE CANARANA

Torre da linha de transmissão próxima às casas do Quilombo Cacoal (Viana-MA).

Coordenadas geográficas
S -3°14'470";
W -45°05'441"

Nascente do riacho arrasada por trator em Canarana no período da construção da estrada compensatória.

Coordenadas geográficas
S -45°00'928"; W
-45°00'928"

'Linhão' desestrutura formas tradicionais de uso dos recursos naturais

"A região onde essa linha passou é uma região onde a gente aproveitava (...) São Manuel II (...) uma região que a gente botava bastante mandioca na água. Na época de verão forte aqui a gente ia daqui botar mandioca na água lá, as mulheres de lá e daqui juntavam





Da esquerda para a direita:

Devastação da pedreira, espaço sagrado da comunidade de Canarana, para a retirada de piçarra usada na construção da estrada como compensação ambiental

Coordenadas geográficas: S -03°18'389"; W -045°00'685"

Tubulação colocada para dar escoamento ao rio, estourada pela pressão da estrada sobre ela

Coordenadas geográficas S -3°18'873"; W -45°00'625"

Estrada construída sobre o rio do Quilombo Canarana, Viana, MA, próximo à pedreira

trio de fazer." ZULMIRA DOS SANTOS, DO QUILOMBO CAPOEIRA, VIANA, MA

"Essa área que aparece aí [na foto] está lá como retrato de preservação da comunidade. No entanto, a estrada que foi área de compensação, que também passa parte dela no campo, numas enseadas, eu fui lá junto com um cidadão que representava a Elecnor, que é a empresa contratada, conversamos com outra pessoa que tinha uma pedreira, pra tentar negociar uma carrada, prometeram pagar e não pagaram e então eles fizeram tudo isso aí com essa reserva. E depois disso só quem voltou foi a gente com o trabalho da Cartografia" ZULMIRA DOS SANTOS, DO QUILOMBO CAPOEIRA, VIANA, MA

"Ipiranga, a comunidade do seu Ademar, (...) há uma sequencia de torres que passa na área de roça e por dentro do rio. (...) Trezentas e cinquenta palmeiras foram cortadas no Ipiranga, sendo apenas conferidas aquelas em frente dos olhos, ou seja, as em um sentido; as que estavam nas laterais não foram contadas porque os tocos das palmeiras estão um por cima dos outros. Então não dá para conferir. E esse linhão, quando sai de Ipiranga, ele entra em Santa Rosa e Ponte de Tábua." DAVI PEREIRA JR, ANTROPÓLOGO, PESQUISADOR DO PROJETO DE MAPEAMENTO SOCIAL, QUILOMBO DE ITAMATATUIA, ALCÂNTARA, MA

coco juntas. Daqui e para lá a maior questão é essa mesmo, a questão da devastação, devastou uma área que hoje é São Manuel, mas na época a gente sempre teve esse contato nos trabalhos e também o risco que a gente corre de passar por baixo e sofrer qualquer dano. Em São Manuel, passa perto das casas, lá onde o rapaz disse que a zuada incomoda ele." JOSÉ PROCÓPIO SILVA, QUILOMBO CONTENDAS, VIANA, MA

Projeto de compensação do 'Linhão' causa devastação de palmeiras

"Então nessa reunião foi levantado a questão das comunidades tradicionais, as quebradeiras de coco no caso de Taquari-tiua, que eles devastaram, que é onde inclusive tem uma minifábrica do MIQCB, que foi devastada várias palmeiras. As Reservas que os companheiros tinham lá, eles tiravam as madeiras e já estavam até carregando as madeiras, mas entraram com a resistência lá e embargaram. E eles diziam para todos: — quer vocês aceitem ou não, a gente tem uma lei que nos permite fazer; então se vocês aceitarem será bom porque vocês ainda vão poder trabalhar a questão da compensação. Se não aceitar e for para a justiça, vai ser pior porque nem isso vai acontecer, porque a empresa tem livre-arbí-



Implantação de 'Linhão' afeta quilombolas, ribeirinhos e quebradeiras de coco

“E não é só isso aí, as vinte e sete comunidades, que são tradicionais, quebradeiras de coco, e a maior parte são ribeirinhas. Os lagos, onde eles pescam, e as torres implantadas dentro dos lagos onde eles pescam, pesca artesanal; também a maioria (das comunidades) estão nos rios e nos brejos, como a gente chama, e nos campos cobertos, do outro lado, que pega Santa Rosa I, Santa Rosa II, Ipiranga, Ponte de Tábua, Melhora e todas as outras comunidades como Ferreira, que é uma comunidade quilombola, original quilombola, e nem sequer no mapa deles estava incluído; no mapa do Maranhão não está incluído. Passou a contar porque nós e os companheiros da Cartografia fomos lá e registramos porque nem estava inserida como comunidade e muito menos como quilombola estava identificada no mapa do Maranhão e nem no mapa que tava apresentado.” ZULMIRA DOS SANTOS, DO QUILOMBO CAPOEIRA, VIANA, MA



Cerca eletrificada cruzando linha de transmissão Quilombo Canarana, Viana, MA

**Coordenadas geográficas
S -3°17'989";
W -45°00'906"**



Abaixo: Linha de transmissão de energia do Lago Aquiri, Quilombo Cacoal, Viana, MA

**Coordenadas geográficas
S – 3°14'48";
W –45°05'199"**

E torre da linha de transmissão colocada ao lado das moradias, invadindo os sítios dos povoados.

**Coordenadas geográficas:
S -3°17'883" w
-45°00'856".**



Dificuldade de localizar o licenciamento ambiental que autoriza a implementação da linha de transmissão de energia

“A estrada eles disseram que iam contratar tanto a terra quanto a piçarra, porque nós combinamos assim: que não ia ser tirada a terra de dentro da propriedade porque ia bagunçar, né, ai eles disseram que não, que tinha que ser de dentro da propriedade, porque era muito longe para buscar, ai nós concordamos que era para tirar só a terra, a piçarra que eles tinham que comprar em outro local, justamente na casa do seu Luis Machado, eles combinaram que iam comprar a piçarra lá, ai quando eles foram fazer pro lado da Cohab, que eles foram botar a piçarra, não foi uma piçarra boa, mas eu acho que é algum



cambalacho porque a piçarra lá é boa, realmente é boa, que eu fui lá, olhei e onde eles tiram, a maioria daqui de Viana, eles tiram a piçarra é lá e ai, por causa da distância né, pegar lá para trazer... ai foi que eles conversaram com meu tio (...) realmente onde entra uma região histórica lá, quando determinou que era para vender, concordou que vendia, ai tiraram, afastaram as e só ficou uma parte, ai foi que eles tiraram lá a terra e até hoje eles ainda não pagaram a piçarra para ele, e ele disse olha é para fazer o serviço bem feito, mas eles já tinham largado pela metade, não conseguiram botar nem o cano, que nós fomos, né, vários deles já espocaram por debaixo, botaram cimento para ver se segura.”
 RAIMUNDO, CANARANA

As chamadas compensações

“Outro ponto complicado são os tipos de compensação. Houve polêmica durante a oficina e nas visitas de campo. Em São Manoel tem um poço, mas o poço não dá água. A proposta era a de trabalhar com agricultura irrigada, mas isso não funcionou. A fábrica de óleo, a compensação devia ser coletiva, mas durante o processo só onze pessoas tiveram acesso. A igreja eles só deram os materiais, mas o trabalho de construção é coletivo e por conta da comunidade.” SEU RAIMUNDO, CANARANA

Violação de direitos básicos e perigos constantes

“A corrente elétrica é muito forte e como duas horas da manhã faz silêncio, o barulho é muito alto. Além disso, mesmo ainda não tendo começado o período forte de chuvas, mas as pessoas acabam levando choque no campo.” SEU RAIMUNDO, CANARANA

Cajari

Cercamento de campos naturais e criação de búfalos causam devastação no território Quilombola de Tramaúba

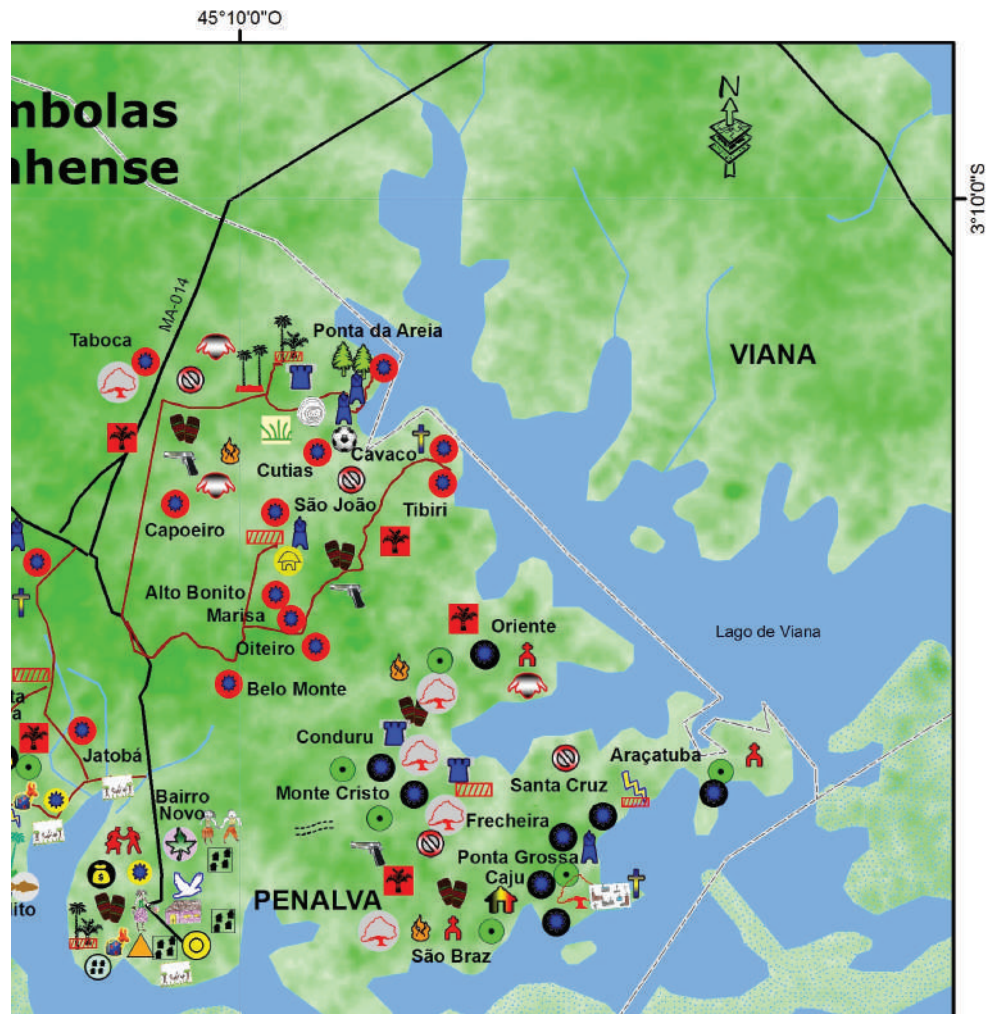
“Essa cerca toma todo esse campo e prende o tráfego do Camaputiua à Penalva. A gente acaba ficando preso, isolado na comunidade sem espaço e sem liberdade, onde a Constituição Federal diz que todos tem direito de ir e vir, mas simplesmente os moradores de Camaputiua não tem esse privilégio da Constituição Federal. Não tem direito de ir e vir na hora que quiser. Vivemos dentro de um cercado feito animal. Isso é muito ruim pra comunidade, um prejuízo muito grande, essa prisão que agente vive dentro da comunidade.” Ednaldo Padilha, “Cabeça”, julho de 2009



Edinaldo Padilha na oficina de Mapa



“O búfalo ele persegue tanto no verão, quanto no inverno, que como a gente viu ta lá, nós tamos com bastante água, e búfalo ta lá dentro da água, então ele comete o crime tanto na fase de seca, quanto na fase de cheia, isso causa muitos danos. A questão das cercas é como já falei no verão a privatização e no inverno o risco de virar ou de furar as embarcações. No período de cheia eles retiram o arame, mas não retiram as estacas, o grande perigo no inverno é as estacas, aí quando chega nesse período que vai baixando eles vão logo colocando o arame de volta.” EDNALDO PADILHA, “CABEÇA”, JULHO DE 2009



Penalva

Não vejo outro trabalho que mostre a vida dos povos, como o Cartografia. Nós não podemos parar. Queria falar um pouco da luta de nós quebradeiras de coco, que é reforçar a luta pela terra. Nós temos lutas pelas reservas extrativistas e temos os impactos, as grandes empresas de eucalipto, soja, grandes fazendeiros, criação de búfalo, cercas elétricas, Suzano. Os latifundiários que fazem grandes misérias, querem ficar rico com dinheiro e não vivem da natureza. Os impactos são esses, essas pragas, que incomodam a vida das lideranças. Mas não podemos nunca pensar no negativo, quem não nasce para servir não serve para viver.



“O que impede a gente, é o latifúndio, temos que ser livres. A solução é que as terras indígenas, quilombolas, sejam demarcadas, livres; é quando você não se vê mais perseguido. De sessenta e seis RESEX existentes tem quatro que estão desapropriadas. E essas quatro é que dão esperança pra a gente. A RESEX Frechal, onde o companheiro Ivo mora, temos tudo. Os mistérios e nossos rios, nossos babaçuais que se tira e tem. Se não tiver floresta não tem vida. Quando falei que a natu-

Ruína do Engenho São José, localizado no território Sansapé e Q] quilombolas de Penalva com o croqui do território étnico de Formoso

reza é vingativa é porque se você poluir a água, nós vamos morrer de sede. E quando tira e depois se acaba, então mais ou menos isso, o problemas maior é esse, na hora que você tem a terra, tem onde produzir, onde preservar e todas as culturas que eu falei vamos viver e ter segurança. Nós do Brasil, não temos segurança, as empresas se acham dona do mundo. As empresas não tem consideração o que importa é dinheiro e moeda. E por isso temos que brigar, somos mais de 500 movimentos. Então isso que quero colocar, a invasão das grandes empresas, porque nenhuma empresa dessa serve para nós. Nós do Brasil, nos alimentamos do peixe, da agricultura, dos remédios naturais, das cascas, das ervas. Eles saem da terra deles e vem se apoderar daqui da nossa. E sabem que ninguém vive sem a terra. E respeitar a terra é respeitar a vida”.

NICE AIRES, QUILOMBOLA, QUEBRADEIRA DE COCO DE ENSEADA DA MATA, PENALVA, MA

Nice Aires com a curandeira Alaide; o doutor do mato, Fabrício Nabate; o presidente da Associação de Lagoa Mirim, Roque Soares; as caixeiras e o cantor de bumba-meu-boi no 1º Encontro de Pajés, Doutores do Mato e Curandeiros de Penalva



As parteiras leigas para a gente tem grande vantagem, quanto mais velhas mais as famílias confiam

Tem uma parteira que já fez muitos partos. Mas tem racismo, as mulheres que fazem partos tem que dizer que só fizeram o parto com parteira porque não deu tempo de fazer no hospital, porque o médico fica zangado e não quer fazer o teste do pezinho. A gente também tem questionado que essa discriminação. As mulheres mais novas ficam, mesmo assim, apesar dos preconceitos. Elas tem o conhecimento tradicional que não é estudado, elas

já tem o dom. E quanto mais velha parteira, mais ela faz o parto bem feito. Toda comunidade tem parteira, ela se identifica e perde o medo de fazer o parto, depois da cartografia. Quando elas fazem o parto elas mesmas faz os remédios.

“As culturas também são mais discriminadas, o bambaê também é feito por pessoas mais jovens. E lá tem ***benzedor*** novo que já se declara. E tem se organizado cacuriá, capoeira, bambaê, só de juventude. Tenho um filho que sofreu violência e ele auxilia na organização dessas culturas. A outra coisa é a questão do curador e doutor do mato. O ***doutor do mato*** não faz festa, faz a consulta e os remédios. Ele tem as plantas, as ervas. Ele olha você e já sabe o problema que você sente, que é o trabalho espiritual e nem precisa tomar remédio. Nós temos um doutor do mato, seu Zé Maia, até faleceu. Ele ganhou para vereador e não pode sentar na cadeira, não pode ir para a Câmara porque os vereadores fizeram um manifesto para não deixar ele assumir. Ele fazia remédio, vinha pessoas de muitos estados e outros médicos. Ainda funciona muito, ajeita os pés também. Em toda comunidade a gente se organiza e resgata isso. E o doutor do mato jovem, quando começou tinha jovem que fazia escondido. Hoje não, eles já são chamados nas reuniões, já tem as festas que é 3 e 4 de dezembro e vai brincar. Como começou a luta por lá, lá a gente faz a consulta e a festa de Santa Barbara. As pessoas que eram contra continuam. Mas ainda é um trabalho discriminado. E uma das questões também do impacto ambiental diz respeito aos doutores do mato, benzedoras, eles usam muito as plantas nativas. E eles querem invadir as áreas e se perder as áreas, as plantas nativas, quando a pessoa sai da área rural para a urbana ele tem mais dificuldade em se assumir como doutor do mato. O doutor do mato diz que quando acaba a floresta, acabam as cobras, e os outros, esses animais são em primeiro lugar para proteger a saúde, que eles vivem sem depender da gente. Nossa cultura preserva muito e quando acaba a floresta acabam os olhos d’água que é todo tempo vivo. As pessoas, que tem essa experiência espiritual, dizem que os encantados gostam é da floresta, das águas limpas e que nas águas poluídas eles não ficam. Eles são contra poluição que onde tem poluição os seres da floresta não aparecem. Vivem nos rios, tucua, igarapés, lagoas. E às vezes a gente que não sabe, não acredita. Tem um cantor de tambor que diz que tudo tem dono, alguém lutou por ela, para preservar. E alguém tem ciúme. A gente primeiro não sabia que alguns animais, escorpião, tupeira não sabia que era bom para remédio. Hoje dizem que onde tem surucucu, onde tem a cobra que fica dentro da terra, as pessoas não tem câncer. A energia faz bem para a gente e a energia da planta faz bem para a gente

sem a gente fazer o chá. A sombra, se aquela energia fizer bem para a gente, toca no nosso corpo, não precisa nem tomar o chá. Nós não sabíamos que se a gente acabar com a floresta a água acaba também. O mato, ele também fortalece. E o pessoal que acaba com a floresta não sabe. Tem o abaixo da terra, orixás, ouro. Tem um companheiro que sabe de quarenta nomes dos que moram debaixo da terra, tem os orixás, tem as sereias. O que é doutor do mato, ele sabe, então os conhecimentos tradicionais são muito ricos. Outra coisa também é a tradição do bumba meu boi, tem turma que tem até cinco mil pessoas, todo mundo sabe o nome das pessoas, sabe onde mora, enriquece nosso povo, o bumba boi. Ele tem uma tradição muito rica, é um grupo muito organizado, se abraça, são oito dias de cultura. Isso chama muito atenção, as pessoas sabem cantar. O cantador de boi, ele faz a toada certinho no que a gente conversa aqui, eles entenderam na prática o que a gente discute. Eles fazem as toadas, denunciando, todo mundo dá atenção mais ao pessoal que canta do que aquele que está falando. Eles fazem os CDs para seminários. Agora fui para o Senado e deixei os CDs com as toadas que diz as maldades que eles fazem conosco. Então, música com cartografia porque nas cartografias, quando eles cantavam as toadas é porque eles querem receber bem. Fizeram muita coisa importante, esses são os conhecimentos tradicionais que a gente tem. Sim, tem resistência mesmo, de saberes.” NICE AIRES, QUILOMBOLA, QUEBRADEIRA DE COCO, DE ENSEADA DA MATA, PENALVA-MA

Pindoba

A Comunidade Quilombola da Pindoba na Ilha de São Luís: a defesa de uma territorialidade diante das pressões do mercado imobiliário

Destruição dos modos de vida da comunidade da Pindoba: a poluição de rios, mangues e juçaraís, o intrusamento das áreas de reservas de ervas medicinais

Apresentações

Todos os participantes do PNCSA presentes se apresentaram e expuseram a finalidade da conversa: convidar o “Seu Vandinho” a participar da reunião preparatória que deveria acontecer em 01/09/2012.

Vandinho comia uma guaravira assada (peixe antes abundante na região) enquanto falava. Quando a entrevista se iniciou, Vandinho comentava sobre a escassez da guaravira no ano de 2012.

“Se não vinha a sardinha, não vinha o peixe. Não deu muito peixe esse ano.”

Luiz Fernando

Então o mar vai estar arriscado, né, porque o tubarão gosta muito de sardinha e não tendo sardinha está mais sujeito a atacar a gente...

“Ele come é tudo, tubarão come é o que vier, mas diz que tubarão só come é o que tá vivo (sic)...”

Edenilde

Mas numa dessas eles vem pra praia, não vem?

“Aonde dá muito tubarão é só Pernambuco, Pernambuco é o lugar onde mais dá tubarão. Aqui já deu foi muito peixe, rapaz, na época que meu pai tinha curral, essas coisas, dava muito peixe.”

Luiz Fernando

Vocês pescavam mais de curral?

“Na temporada de papai era curral que eles tinham, a gente ainda tem, ainda. Mas o peixe esse ano não deu aqui. A gente baixou muito dinheiro esse ano, ninguém teve dinheiro. Esses caboclo da Raposa que trabalham com dinheiro do banco, empréstimo, todo mundo tá chorando hoje, não deu pra pagar. E agora passou a safra, agora é verão, só vento. A pescaria aqui na minha época, quando eu era pequeno, que a gente fazia aquele negócio de curral, às vezes num curral a gente enchia uma canoa. Eu conheci às vezes numas marés da gente embarcar uma hora dessas, aquele, não sei se você conhece, chama “arriba saia”, massa fina”, “pacu”, tudo chamam pra ele (sic)...”

Luiz Fernando

A entrevista concedida por Valterlino Melo, o “Vandinho”, a Luiz Fernando do Rosário Linhares e Edenilde Rosa da Conceição, em 19 de agosto de 2012, bem evidencia a desestruturação das formas de organização social vivenciadas pelas famílias da Pindoba



Valterlino Melo, o "Vandinho", reputado pescador da comunidade da Pindoba descreve as atividades pesqueiras com a poluição do mar, dos rios e mangues.

Conheço como 'arriba saia'.

"Aí esse peixe, chegava na hora da gente desembarcar, chegava no porto de umas seis horas em diante, às vezes não tinha venda, às vezes o caboclo não tinha gelo, era só o caboclo que comprava uma "tilapinha", metia o sal pra no outro dia vender. Hoje não, hoje o peixe se você tiver a oportunidade de ter qualquer um negócio de pescaria, hoje como é bem movimentado o peixe pra todo lado, era uma saída muito boa pra qualquer uma pessoa viver e não carecer se empregar. Eu mais ou menos tenho dois 'curral'. Você acha que eu com dois 'curral', como na época que eu conheci a pescaria, fosse hoje, eu tinha precisão de me empregar? Aqui na época, a pescaria era duas marés por dia, a gente pegava dinheiro de manhã e de tarde, maré de lua às vezes é um peixe mais graúdo, maré de quarta é um peixe menor, mas aí é um peixe bom. Hoje não, hoje não tem. Você vai maré de lua, você vai na pescaria hoje, pega uns dois peixinhos, aí passa uns dois dias, você vai, 'amanhã a maré melhora, eu vou lá', você vai, chega e não tem (sic)."

Edenilde

Ei seu Vandinho, o senhor estava falando em empréstimo, vocês faziam empréstimo?

"Aqui eu nunca fiz, quem faz aí é o pessoal da Raposa, pessoal que trabalha com curral grande, curral que eles gastam mil..."

Edenilde

E quando o peixe não tá dando, o que acontece, vocês vão trabalhar de que?

"Aqui o serviço nosso não tem medo de serviço, nosso serviço é braçal. É pescaria, é canteiro, é a horta, é a caieira, quem gosta de tirar pedra é na pedra. Quem gosta de roçar hoje, não se roça mais, porque não tem mais terreno. Mas o serviço aqui é braçal, quem gosta de trabalhar não fica parado (sic)."

Edenilde



E vocês utilizam o rio que passa aqui?

“De primeiro a gente utilizava, era pra banho, tomava água era do rio, a água era limpa.”

**Pescadores da
comunidade da
Pindoba**

Edenilde

Quando vocês queriam ajeitar a canoa vocês vinham era pelo rio, né?

“A gente ainda vem, querendo vir por aqui, é porque a água suja, mas o caminho vai até a Maiobinha, que é a cabeceira, querendo ir. Ninguém ligou mais nos rios, as águas ficaram tudo poluída...”

Edenilde

E terra, não tem mais pra plantar?

“Cada um tem seu pedacinho, eu tenho o meu que eu cultivo ali pra baixo...”

Edenilde

E isso é só pra consumo de vocês?

“Não, é pra venda. Se a gente fizer só pro consumo como é que a gente vai passar?! Isso é pra venda, vai pra feira. No João Paulo ali, tem os feirante lá, a gente passa...”

Luiz Fernando

O senhor sempre fez assim, um pé no mar, outro pé na terra...

“Isso, desde a idade de sete anos a gente faz a roça, fazia farinha, fazia tudo, ia na pescaria. Às vezes a gente saía de manhã, ‘rapá, hoje nós vamos plantar roça’, a gente tacava aqui, todo mundo ia pra roça, a gente vinha meio dia, mais ou menos uma hora, ai dizia, ‘rapá, vamo pescar, vamo arrumar o comer’, e assim que é, a vida da gente sempre foi essa.”

(...)

O direito quilombola na luta pela defesa das famílias da Pindoba

“Eu tenho consciência disso, que eu sou negra. Eu escutava muitas histórias do meu pai, que faleceu há mais de vinte e cinco anos, a minha avó era escrava e o meu avô era índio. Mas meus bisavós eram escravos. Eu escutava muita história. Essa aí é Basica, 104 anos. E que me identifico como negra e tenho o maior orgulho disso. Nós somos negros. A minha família é negra. E nós não somos pardos porque não somos galo. Nós somos negros. Eu sou negra e tenho o maior orgulho disso. Nós somos quilombolas e a pesquisa vai nos ajudar a nos autodefinir. A gente acredita nisso. Os brancos da nossa comunidade são as pessoas que foram pra lá de vinte anos pra cá. Então agora tem duas famílias: a nossa dos negros e a nossa dos brancos, que é a família da minha mãe. Então se juntou e aí tem a variação de cores. Mas só tem duas famílias na Pindoba, todo mundo é primo, é tio, é parente, é compadre, é afilhado. Todo mundo se conhece. Mas assim, só tem a família do preto e do branco, e o preto sempre foi de lá de Pindoba.” MA. DA CONCEIÇÃO FERREIRA, CONCITA, PROFESSORA DA COMUNIDADE DA PINDOBA

Devastação em comunidades quilombolas em Santa Inês

Os caminhos do mata boi

A Tradição, a História e os Recursos Naturais

Zacarias Padilha dos Santos

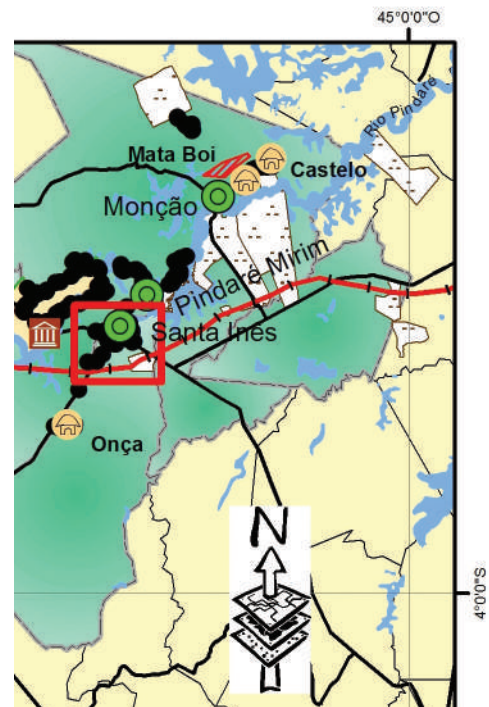
“Meu nome é Zacarias Padilha dos Santos, meu apelido é Isac do Mata Boi, eu nasci aqui em 1945, tenho sessenta e.... vou completar 68 anos, tenho filhos aqui, tenho meus parentes tudo família daqui do Mata Boi. É meu pai me contou a história daqui, que a senhora Paulina Rosa Tavares, foi a primeira moradora a chegar aqui em Mata Boi, em 1897, veio morar em Mata Boi. Mata Boi é uma área do Dom Eduardo, era um fazendeiro, um português que veio e comprou a região aqui e implantou a fazenda lá no Oiti, daí o Mata Boi se tornou um polo agrícola, os canaviais, as roças, todas eram feitas aqui no Mata Boi, é, nessa época transportavam as cargas daqui em boi de carro, é carro de boi, nesse trajeto de viagem com essa mercadoria, material, morreu um boi ali na Terra Preta, na viagem”.

Adaildo

Que é naquela divisa? (divisa entre Mata Boi e Oiti)

Zacarias

É sim, aí morreu um boi, aí um preto disse, rapaz isso aqui é Mata Boi, aí começaram a chamar Caminho do Mata Boi, isso na época dos escravos, Caminho do Mata Boi, Caminho do Mata Boi, tal, quando foi em 1897 a Paulina veio fazer a casa dela aqui, com ela se implantar aqui começaram eles começaram chamar ciclo do Mata Boi, ciclo do Mata Boi, com a vinda dela pra cá (...) começou a trabalhar aqui com o plantio de mandioca, arroz, milho, criação e começaram a vir pessoas que conheciam ela, começaram vir pra cá trabalhar com ela, aí vou citar o nome de alguns deles, seu Chico Borges que era o pai de santo nessa época que fazia remédio pro pessoal, veio o senhor chamado Eloi, veio seu Pedro Reis, veio seu Gentil, a dona Severa, a dona Diquirina, dona Custódia, cada dessas pessoas que veio pra cá ela dava um lugar de casa, quando foi, ela já trouxe uma filha de três anos a Melquídia, e aqui ela teve outra filha a



Felíciana, a minha avó, ela nasceu em 1900, não estou recordando a data, mas foi em 1900 que ela nasceu. Quando foi em 1904 ela se juntou com um senhor chamado João Aquilino da Hora, a dona Paulina, ela se juntou com ele, ele era embarcadista, era cearense, era embarcadista que viajava de vapor de São Luís pra Pindaré Mirim que antigamente era o engenho central, nesse trajeto eles se conheceram ali no Oiti, e, ela quando o vapor encostava pra pegar a carga ela ia vender bolo, ia vender as coisa que ela tinha aqui. Ainda temos pedaço de ferro, tacho ali atrás da casa do Carolino, aí em 1920 eles compraram a outra propriedade que o limite era bem ali naquela jaqueira e ia do lado até o outro até a Terra Preta. Aí eles continuaram trabalhando tudo e chegando mais gente e ele aumentando a produção, era cachaça, tiquira, rapadura, tudo eles sabiam fazer, faziam aqui, aí foi crescendo o povoado, quando foi em 1917 a Felíciana casou com o carpinteiro que trabalhava com ele aqui, Raimundo Eulage, que era nascido na Severa, ele era nascido na Severa, ele veio pra cá e casou em 1917, quando foi em 1918 aí nasceu meu pai, o Bertolino, nasceu em 1918, aí continuaram trabalhando aqui. Quando foi em 1922 ele adoeceu né, João da Hora adoeceu, e resolveu... quando ele viu que ele não ia mais ter vida aí ele chamou as autoridades de Monção, tabelião e aqui ele fez uma doação e deixou um documento, onde ele pedia, ele sabia que não ia ter mais vida, então ele ia doar metade dos bens que ele possuía a Paulina Rosa Tavares, os bens era seis juntas de bois, duas propriedades de terra, uma engenhoca de madeira e um forno de cobre, aí depois desse documento também ele não demorou morrer, ela continuou e ela morreu em 1937. Aí as filhas tomaram o comando daqui da comunidade, a Felíciana e a Melquídia, aí o Damião casou, foi morar no Oiteiro e a Estaciana permaneceu aqui onde ela deixou um casal de filho, é Deusuíta e Florindo, inclusive Florindo é aquela família que nós tava no quintal lá do Batista é dessa família do Florindo, e de lá pra cá é vi crescendo a população, aí os filhos da Felíciana foram casando, os da Melquídia também casaram e aí hoje se vê essa quantidade de pessoas que tem aqui no Mata Boi descendentes dessas três pessoas, a Paulina e as duas filhas Felíciana e Melquídia. Aí de lá nós viemos continuando o trabalho de lavoura de criação, não mudamos o modo de nossa vida ao longo desse tempo, hoje nos tamos requerendo a área, já somos certificados como comunidade quilombola pela Fundação Palmares, já temos a certidão de auto reconhecimento, já temos uma portaria do INCRA e tamo recebendo alguns recurso do Governo Federal e estamos precisando muito é do INCRA pra fazer um estudo antropológico e a delimitação e marcação que é pra titulação aqui das terras da comunidade, e, é essa demanda muito grande que já faz quinze anos que comecei aqui no movimento que estamos solicitando essa área e já estamos com quinze anos e ainda não conseguimos, mas a esperança é que muito em breve seja feito esse trabalho aqui da titulação da terra do quilombo do Mata Boi.



(...)

Vocês viram também ali no vídeo o processo da mandioca que nós falamos agora há pouco daquela forma que ela era processada aqui antigamente, na mão, passando na peneira, hoje é na prensa naquela prensa pra espremer maior quantidade de massa (...) que já vai tirar o processo da mão do pilão de socar, de sovar (...) quer dizer teve um desenvolvimento com isso, é cresceu; assim é, (...) de forma muito rápida o que nós chamamos de assoreamento das áreas lá a pessoa plantava naquela época (...) hoje ele bota o tratorzão aí e pra cima, quer dizer a cultura saiu das mãos do produtor pequeno e passou para o produtor maior pra indústria (...) quer dizer com isso essa mecanização dessas áreas tanto da terra, como do processamento do produto da terra ele dificultou a nossa mão de obra, essas pessoas que faziam roça naquela época hoje estão é... exportadas, NE, pra outros estados, fazer outra atividade que não é atividade daqui, com isso vai desaparecendo e nós que estamos correndo

atrás (...) nós tamo lutando desde o ano passado pra conseguir essa vinda de vocês aqui no município de Monção, né, pra fazer esse mapeamento daqui dessas comunidades quilombolas né, já conseguimos, agora a demanda ela vai se multiplicar ele acabou de falar ainda agora no vídeo que nós temos que ir pro INCRA, já fizemos o convite, nós temo que se unir pra nós ir pro INCRA num vai só Mata Boi e Oiteiro, nós temo que mobilizar o município de Monção ir pro Sindicato, acho que vocês prestaram bem atenção no que ele tava falando ali, aquilo é verdade, enquanto nós num fizer e num agir daquela maneira nós num vamo conseguir, quando eu achar que eu devo ir sozinho com Mata Boi e deixar Oiteiro fora, num vou conseguir, se Oiteiro fizer a mesma coisa, também não vai conseguir, se Sebastião fizer, também não vai conseguir, né?. Então é isso aí...

Zacarias

Porque Monção é bem ali, surgia aquelas invasão, cada ano aumenta aquela cidade e lá não tem matéria, não tem madeira, e lá eles tem a facilidade da carroça, eles pegam a carroça, vem para cá, passa o dia todinho no mato que a gente não tá nem sabendo, aí quando é de madrugada, eles chegam enchem a carroça, a gente alcança eles de madrugada, cheio de madeira, e pra cá já é caminhão, naquela época era difícil transporte, hoje caminhão é para todo lado, sai daqui, pra Penalva... teve um desenvolvimento de transporte que facilitou muito essa depreciação, tanto no campo, na pesca, quanto no mato.

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA

COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO

Alfredo Wagner Berno de Almeida
Rosa Elizabeth Acevedo Marim

EQUIPE DE PESQUISA

Adaido Pereira dos Santos
Aniceto Cantanhêde Filho
Camila do Valle
Cynthia Carvalho Martins
Danilo da Conceição Serejo Lopes
Davi Pereira Júnior
Dorival dos Santos
Gardênia Mota Ayres
Geovania Machado Aires
Helciane de Fátima Abreu Araujo
Jhuliane Abreu Mendes
Jhullienny Silva Santos
Karina Borges Diaz Nery de Souza
Luciana Railza Cunha Alves
Luiz Fernando Linhares
Patrícia Maria Portela Nunes
Paulo Linhares
Poliana Sousa Nascimento
Tacilvan Silva Alves

CARTOGRAFIA

Luís Augusto Pereira Lima PNCSA-CESTU/UEA

DESIGN GRÁFICO

CASA 8 PROJETOS E EDIÇÕES

C122 Caderno Nova Cartografia Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação: processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais. – N. 2 (jun. 2014) – Manaus: UEA Edições, 2014

il. ; 30 cm.

Irregular.

Coordenação geral do PNCSA: Alfredo Wagner Berno de Almeida (CESTU/UEA/PPGCSPA) e Rosa Elizabeth Acevedo Marim (NAEA/UFPA/PPGCSPA).

ISSN 2359-0300

1. Conflitos sociais – Amazônia – Periódicos. 2. Comunidades tradicionais. 3. Desmatamento. 4. Territorialidade. 5. Cartografia. 6. Mapeamento social.

I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marim, Rosa Elizabeth Acevedo.

CDU 528.9:316.48(811)(05)

(...) Queria falar um pouco da luta das quebradeiras de coco, que é reforçar a luta pela terra. Nós temos lutas pelas reservas extrativistas e temos os impactos, as grandes empresas de eucalipto, soja, grandes fazendeiros, criação de búfalos, cercas elétricas, Suzano. Os latifundiários que fazem grandes misérias, querem ficar ricos com dinheiro e não vivem da natureza (...)

Nice Machado Aires

PROJETO

**Mapeamento
Social**



ISSN 2359-0300

PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO



APOIO



Programa de Pós-Graduação
em **Cartografia Social**
e Política da Amazônia

